

“A UNILÚRIO É UMA INSTITUIÇÃO COM BASTANTE POTENCIAL DE ÁREAS DE INTERVENÇÃO E DE IMPACTOS QUE PODE PRODUIR NA SOCIEDADE”

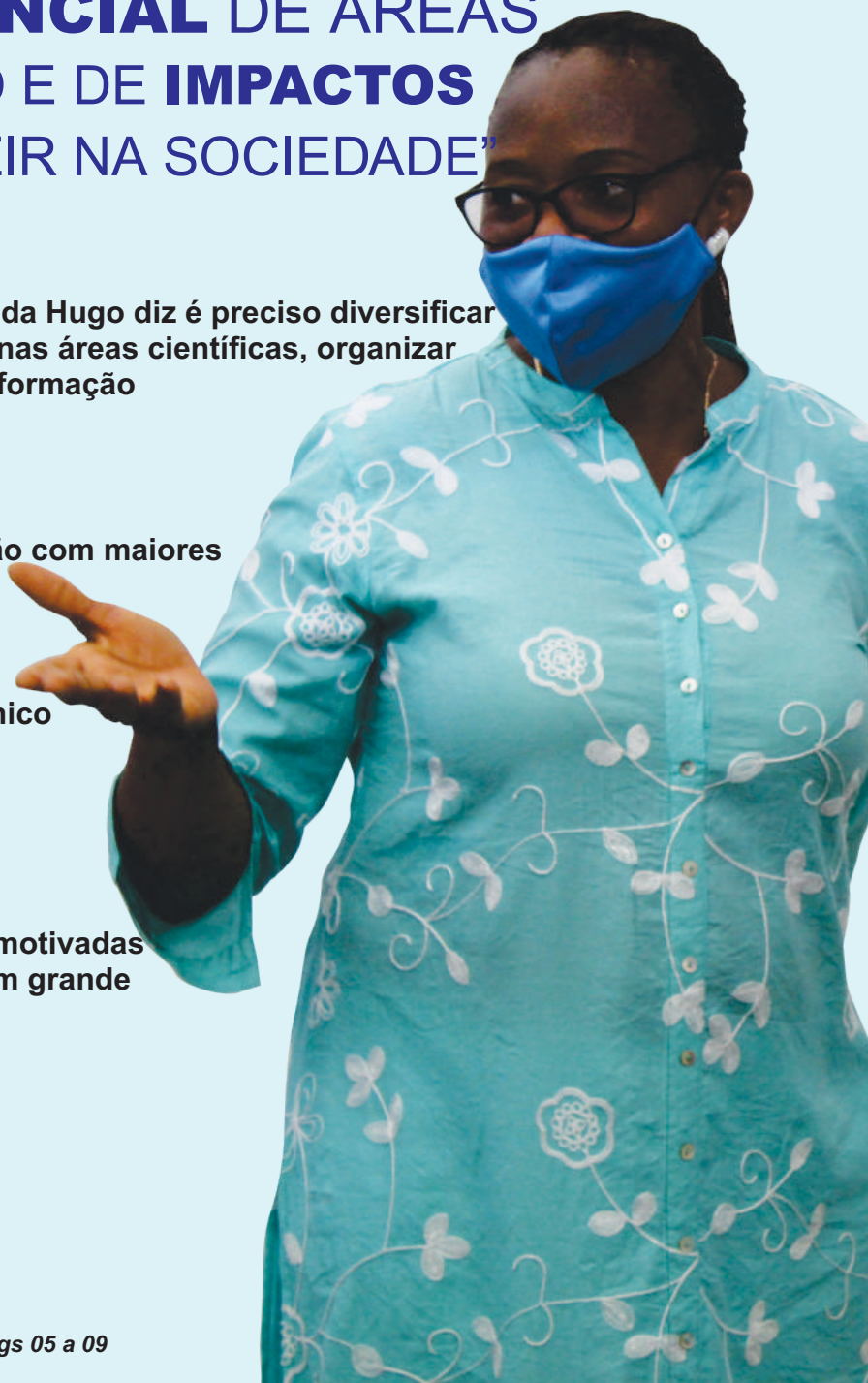
o A Prof^ª. Doutora. Eng^ª. Leda Florinda Hugo diz é preciso diversificar a nossa capacidade de intervenção nas áreas científicas, organizar e acarinhar bastante o processo de formação dos nossos quadros;

o É necessário construir a instituição com maiores interesses por nós definidos;

o A excelência faz-se com rigor técnico e cumprimento das normas;

o As pessoas estão predispostas e motivadas a assumir grandes desafios e têm um grande nível de responsabilidade;

o Estou mais disposta a assumir os desafios da instituição.



Leia entre as págs 05 a 09

Pub



**OFERECEMOS CURSOS
BÁSICOS DE
INGLÊS, FRANCÊS
E ITALIANO
INSCREVA-TE JÁ**



FORTALEZA DE S. SEBASTIÃO(CECROI) FCSH



84 7933030 - 86 9222945 - 84 0721012



Centro de Estudos Culturais e Religiosos - CECROI/FCSH/UniLurio

Ao nível da Ilha de Moçambique

FCSH QUER MELHORAR OS NÍVEIS DE LEITURA E ESCRITA



Germito de Castro Alexandre Departamento de Línguas, Cultura e Desporto

O Departamento de Línguas, Cultura e Desporto da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) da Universidade Lúrio acaba de criar um Clube de Leitura e Escrita, uma iniciativa descrita como solução para a interacção entre a faculdade e os outros actores educacionais no campo da leitura e escrita.

O Clube de Leitura e Escrita é um espaço de socialização de leitura e discussão criteriosa de livros, visando desenvolver a competência enciclopédica na comunidade estudantil da FCSH e aos demais interessados, através das memórias literárias.

O chefe do Departamento de Línguas, Cultura e Desporto na FCSH, Germito de Castro Alexandre disse ao

OMacuthi que o objectivo primário do Clube de Leitura e Escrita é promover o amor à leitura e escrita no seio estudantil da FCSH e na comunidade em geral.

“A FCSH sentiu a necessidade de criar o Clube de Leitura e Escrita porque quer que os seus estudantes vejam o mundo através dos olhos dos outros. Isto é, ter as suas mentes flexíveis e capazes de compreender os pontos de vista dos outros”, disse a fonte.

O nosso entrevistado acredita que a FCSH como uma instituição de ensino superior “precisa de interagir com outros actores educacionais, como professores e alunos do ensino primário e médio, se quiser atingir uma qualidade educacional integral”. Aliás, diz a fonte,

que foi pensando nos padrões nacionais de educação que instituição pretende levar o Clube de Leitura e Escrita às escolas primárias e secundárias a nível da Ilha de Moçambique no âmbito do programa UniLúrio nas Escolas.

“Na verdade há estudos fidedignos e substanciais que revelam o défice de leitura no ensino superior, mas não acredito que seja o caso da FCSH porque os nossos estudantes tem sido submetidos a ler uma obra para depois fazer uma recensão no âmbito das Técnicas de Comunicação e Expressão. Entretanto, com isso, não quero dizer que a introdução do clube na FCSH será fácil ou não, mas uma coisa tenho a certeza, o clube vai funcionar sem sobressaltos e servirá os objectivos para os quais foi criado”, disse o nosso entrevistado, mostrando-se optimista quanto ao alcance dos resultados.

Neste momento, o clube conta com uma média de 20 membros entre estudantes e docentes da FCSH e pessoas das outras organizações, “mas ainda não começou a funcionar plenamente porque estamos a espera que as aulas presenciais retomem para procedermos com as nossas actividades”. O clube já tem um espaço físico e um leque de livros para começar.



Ficha técnica:

OMacuthi
Boletim Informativo da FCSH

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Lúrio

Ilha de Moçambique | Rua: Pedro Álvares | Bairro: Museu | E-mail: rpcifcsh@unilurio.ac.mz | +258 878300752

Director: Wilson Profírio Nicaquela | **Editor:** Faizal Ibramugy Abdul Raimo | **Revisão:** Albino Oreste Muatuca, Beatriz Chalucuané, Nildo Eugénio Diogo | **Redação:** Faizal Ibramugy Abdul Raimo | **Fotografias:** Faizal I. A. Raimo | **Maquetização:** Faizal Ibramugy Abdul Raimo | **Distribuição:** Electrónica

AULAS PRESENCIAIS DECORREM SEM SOBRESSALTOS



Créditos: Faizal Raimo

Jóssimo Calavete orienta estudantes no primeiro dia de aulas presenciais

Por decisão do Conselho de Direcção da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, retomaram no passado dia 16 de Novembro corrente, aulas presenciais. Duas semanas depois, a Direcção Adjunta Pedagógica diz que as aulas decorrem sem sobressaltos. Os primeiros dias do processo serviram para a divulgação das medidas de higiene e distanciamento social. “Apelamos para que os estudantes não movimentem as carteiras para permitir que, elas permaneçam no perímetro recomendado. Do mesmo jeito, não podem partilhar material escolar. É proibido fazer aglomerados no recinto da FCSH e não só. Os intervalos servem para atender às necessidades básicas. Também, é necessário que os estudantes sigam o croqui que se encontra afixado na porta de entrada de cada sala de aulas, para permitir que permaneçam no mesmo espaço durante todo semestre”, explicou o Director Adjunto pedagógico, Jóssimo Calavete, realçando que neste momento o desafio é “conseguirmos assegurar que os nossos estudantes assimilem as medidas de distanciamento físico”. Ele referiu que a FCSH registou com satisfação a vinda massiva dos estudantes e uma adaptação rápida em relação à observância das medidas de prevenção da covid 19.

Segundo informações dadas pela direcção da FCSH logo depois a realização da VI sessão do Conselho de Direcção realizada a 10 de Novembro corrente, as aulas passariam a acontecer em dias alternadas, isto é, de segunda a quarta-feira, envolvendo dois níveis de ensino e de quinta-feira a sábado, os outros dois níveis. O director da Faculdade, Wilson Nicaquela, disse que as aulas seriam em formato híbrido ou seja, seriam repartidas entre presenciais e *online*.

Em função disso, Jóssimo Calavete apelou à dedicação de todos os estudantes. Disse que, o semestre é curto e que os docentes têm instruções para que usem este período para revisão de conteúdos, consolidação e integração dos estudantes que por qualquer motivo tenham ficado de fora durante as aulas *online*.

“O tempo é bastante curto. São no total dois meses, um de consolidação e revisão de toda a disciplina. Iremos nos esforçar de modo a garantir que neste período sejam realizadas todas as avaliações para que, até dia 12 de Dezembro possam ser publicadas todas pautas de frequência”.

ESTUDANTES OPTIMISTAS POR CONSEGUIR BONS RESULTADOS

Alguns estudantes por nós entrevistados disseram que estavam cientes dos desafios que a retoma de aulas presenciais possa criar. Edson Titosse e Mariamo Abel, ambos do 3º ano do curso de Desenvolvimento Local e Relações Internacionais replicaram apelos, para que todos cumpram as medidas de higiene individual e colectivas impostas pela doença. Os estudantes dizem estar preparados e prontos para a assimilação dos conteúdos de revisão e, consequentemente, realizar as avaliações. Apesar de pouco tempo previsto para a conclusão do semestre, os estudantes mostraram-se optimistas em conseguir melhores resultados.

O director do Curso de Hotelaria e Turismo na FCSH, Sevenasi Joaquim diz que a retoma de aulas é um processo

de análise muito complicado pela sua complexidade devido às regras impostas pela covid 19. “Avalio este procedimento de retoma como se fosse uma estratégia de validação do semestre uma vez que os estudantes ainda não tinham sido avaliados. Em fim, o tempo ditará as repostas certas sobre este fenómeno da covid 19”.

Por outro lado, para o director do Curso de Desenvolvimento Local e Relações Internacionais, Victorino Chadreque a “avaliação que faço sobre o retorno de aulas é positiva, olhando, sobretudo, para a organização e a prontidão dos estudantes e os docentes”.

Créditos: Faizal Raimo



Turma de 3º ano do Curso de DLRI

Destas casas emerge o nosso boletim



Leia e divulgue

O Macuthi
Boletim Informativo da FCSH

“A UNILÚRIO É UMA INSTITUIÇÃO COM BASTANTE POTENCIAL DE ÁREAS DE INTERVENÇÃO E DE IMPACTOS QUE PODE PRODUZIR NA SOCIEDADE”

– Prof^a. Doutora. Eng^a. Leda Florinda Hugo, Magnífica Reitora da UNILÚRIO

A 22 de Julho do corrente ano, o Presidente da República, Filipe Nyusi, no uso das competências que lhe são conferidas pela Constituição da República, nomeou através de Despacho Presidencial, a Prof^a. Doutora Eng^a. Leda Florinda Hugo, para o cargo de Reitora da Universidade Lúrio, uma Instituição de Ensino Superior criada há 13 anos. Para conhecer a instituição, que possui faculdades espalhadas na região norte do país, a terceira Reitora da UniLúrio desde a sua criação, iniciou logo após a sua indicação, uma digressão que lhe permitiu conhecer de perto a instituição. Foi no encerramento desse ciclo de visitas que OMacuthi conseguiu tirar esta entrevista. A reitora diz que a Universidade Lúrio é uma instituição com bastante potencial de áreas de intervenção e de impactos que pode produzir na sociedade. É uma universidade com um grande potencial para formar um grupo de docentes e investigadores com mais alto nível de qualidade técnica e profissional.

Nesta entrevista, a dirigente confessa que estava muito apreensiva aquando da sua nomeação sobre em quê podia contribuir para o crescimento da instituição, mas disse estar mais disposta a assumir qualquer desafio depois das visitas aos polos.

Leda Florinda Hugo que quer ser conhecida como Reitora de uma grande universidade e membro de uma grande equipa que é a comunidade UniLúrio, diz que um dos desafios é implantar uma cultura, onde a investigação alimenta a docência e extensão, o Orçamento do Estado serve pura e exclusivamente para o funcionamento e o investimento é determinado por todos os integrantes da equipa através da investigação, isto é, produção científica e capacidade de mobilizar fundos competitivos.

Mas para tal, avança que é preciso diversificar a capacidade de intervenção nas áreas científicas, organizar e acarinhar bastante o processo de formação dos quadros docentes e Corpo Técnico Administrativo nas melhores instituições do mundo.

Nesta entrevista conduzida por Faizal Raimo, a Reitora afirma também que é necessário construir a UniLúrio com maiores interesses definidos por todos, estabelecendo uma estabilidade institucional, por um lado e por outro, apostando na normação e regulamentação. Ela termina a entrevista, pedindo entrega abnegada e o envolvimento de todos no trabalho de equipa.

A nova reitora é engenheira agrónoma de profissão, quadro da Universidade Eduardo Mondlane. Nessa instituição, ela foi directora do curso básico na Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal (FAEF), entre 1994 e 1997; Directora do curso de Engenharia Rural, entre 2001 e 2006; chefe de secção, na Engenharia Agrária, entre 2003 e 2006; chefe de Departamento de Engenharia Rural, entre 2006 e 2007; Directora Pedagógica da UEM, 2008 a 2010; e em 2008 presidiu, pela UEM, a Comissão de Transição da DFD, da Beira para a UniZambeze.



Créditos: Faizal Raimo



Créditos: Faizal Raimo

Prof.ª. Doutora. Eng.ª. Leda Florinda Hugo Reitora da Universidade Lúrio

OMacuthi (OM): Magnífica Reitora, a visita à FCSH encerra um ciclo de visitas às Faculdades da Universidade Lúrio. Com que impressão ficou depois de ter passado por todas as unidades orgânicas?

Leda Florinda Hugo (LFH): Bom, confesso que tinha algumas expectativas, mas também estava preparada para encontrar desafios específicos pela idade da própria Universidade, localização e pelo tempo que normalmente leva para construir e consolidar uma instituição de ensino superior. As constatações e as percepções destas breves visitas às unidades orgânicas permitiram concluir que a UniLúrio é uma instituição com bastante potencial de áreas de intervenção e de impactos que pode produzir na sociedade. É uma universidade com um grande potencial para formar um grupo de docentes e investigadores com mais alto nível de qualidade técnica profissional, especificamente em termos de intervenção científica na sociedade e de saber estar na academia moçambicana, que pretendemos ter.

Confesso que, a princípio, estava muito apreensiva sobre: o que me esperava? Que tipo de instituição e contribuição eu poderia dar? Depois desta visita estou mais disposta a assumir qualquer desafio, porque tenho aqui um corpo docente, um

corpo administrativo e estudantes muito comprometidos com o bom desempenho e com aquilo que deve ser feito. As pessoas estão predispostas, motivadas e têm um grande senso de responsabilidade. De resto, à nossa volta, há instituições que têm mais tempo e experiência, também que nos abrem os braços e as suas portas para nos apoiar.

OM: O que se pode esperar de si e da sua equipa nos próximos tempos?

LFH: De mim, espero que continue com este entusiasmo e confiança no futuro da Instituição. E do resto, nos próximos cinco anos como é de mandato, eu espero que continue a trabalhar juntamente com todo o corpo directivo e órgãos colegiais desta universidade, incluindo toda a comunidade para juntos levarmos a UniLúrio para a universidade que nós queremos ter, integrada neste mundo digital e globalizado, definindo e mantendo os seus focos peculiares. Que se espere de mim, simplesmente, ser uma Reitora de uma grande universidade e membro de uma grande equipa vencedora que é a comunidade UniLúrio.

OM: Professora, durante a sua passagem pela FCSH, assim como nas outras unidades orgânicas, falou de estágios de desenvolvimento da UniLúrio. Disse que estamos num terceiro estágio onde a normação e regulamentação devem ser as peças fundamentais. Que mensagem pretende deixar para a comunidade académica?

LFH: Bom, quero dizer que nós tivemos um primeiro momento de implantação, havia desafios específicos. Tivemos um segundo momento da nossa universidade que era de consolidação das nossas infraestruturas básicas, como os nossos pólos e/ou campus. Em termos de constituição, esta universidade é sólida, mas em termos de crescimento para responder aos novos desafios, ela no seu funcionamento tem de se conformar com as normas e os regulamentos que esta mesma universidade faz e aprova, na perspectiva de encontrar resposta em si própria de auto-superação para a excelência. A excelência faz-se com o rigor técnico e científico, no cumprimento das normas, com a monitoria e avaliação sistemática, com a certificação dos cursos e programas e até das pessoas que nelas participam. O rigor não se faz com acções de porque eu acho e/ou eu quero. Rigor faz-se com instrumentos participativos muito bem-feitos, e a nossa geração é a deste período. Pensamos nós, vamos investir em melhorar os nossos instrumentos de regulamentação e a qualidade do seu cumprimento, para que toda a nossa comunicação e articulação, tanto no plano horizontal, como no plano vertical, sejam segundo as previsões. O objectivo é que não haja situações de pouca transparência e de decisões um pouco controversas, porque nós temos as normas todas, e cada um conhece o seu papel e sabe estar numa instituição onde as prioridades são os interesses da instituição que cada um de nós pretende fazer prevalecer.

OM: No leque das acções em vista, a Magnífica Reitora fala de repensar sobre alguns dos programas peculiares da UniLúrio para que seja mais interventiva ao nível da comunidade e, que não abandone a comunidade no

Cont. pág.7

momento que ela precisa. A Professora está a pensar na possibilidade de reformulação do programa “Um estudante uma família”, neste estágio?

LFH: Eu penso que a própria universidade já foi criada com este foco: ter a capacidade de fazer a academia, focalizando a sua intervenção e/ou contribuição nas comunidades. Para materializar essa contribuição definiu-se logo no início este programa “um estudante uma família”, tentando-se criar dessa maneira, a integração dos estudantes e da universidade numa comunidade. Sem se interessar de que proveniência ou extracto social o estudante vem, mas valorizando e tirando melhor proveito do resultado da interacção estudante/família/comunidade e vice-versa, e alargando grandemente a comunidade universitária. Este programa é um foco peculiar, quase marca da Universidade Lúrio. Se nós tivéssemos de ter direitos de propriedade intelectual, esta iniciativa era a marca da Universidade Lúrio, uma iniciativa que tem um valor inestimável e reconhecimento na região. O programa “um estudante uma família” é uma marca irrevogável.

Como fazemos valer este programa? Provavelmente porque nós, como universidade fomos olhando para este programa sob o prisma do que é que a universidade pode tirar da sua relação com as comunidades. Nós agora precisamos de facto, de olhar para este programa de duas maneiras, incluindo na óptica do que é que a universidade deixa na comunidade. O desenho da nossa intervenção tem que ser revisto, no sentido que nós, a universidade, avaliamos o nosso desempenho em termos do impacto das nossas acções, sob ponto de vista da comunidade. Vamos para a comunidade, deixamos lá os nossos estudantes, realizam estudos, ensaios e outras actividades, depois o estudante sai, mas não avaliamos se isso beneficiou a comunidade ou se simplesmente nós usamos o tempo e os recursos da comunidade. Nós temos muitas actividades do programa “um estudante uma família” em implementação numa faculdade, também peculiar da Universidade Lúrio, que é a Faculdade de Ciências de Saúde, onde temos cursos de medicina, nutrição, medicina dentária, entre outros. No entanto, neste período da pandemia, os nossos estudantes não podem ir para as comunidades, porque estamos a protegê-los, então, nós nos retiramos da comunidade e a comunidade ficou sem o nosso apoio quando mais precisava. Mas se eventualmente tivéssemos uma abordagem nos dois sentidos, a comunidade dir-nos-ia que tipo de apoio precisa, e a nós directa ou indirectamente caber-nos-ia a missão de providenciar esse apoio. Poderia ser na formação, na capacitação, ou intervenções de assistência, acompanhamento e eventualmente a verificação se as famílias com as quais normalmente trabalhamos continuam saudá-

veis, se estão em risco e/ou vulneráveis. Faltamos à comunidade no momento em que ela mais precisava. Isto não é resultado da interrupção da implementação do programa, mas sim da nossa abordagem. Temos que nos avaliar no sentido de termos a nossa abordagem válida mesmo nestas circunstâncias, evidentemente com as devidas cautelas e, acima de tudo, elevando esse programa para um nível mais alto da nossa intervenção, no desenvolvimento das comunidades.

OM: A Professora Leda defende que a investigação deve alimentar a docência e a extensão. Em outras palavras, que mensagem quer deixar para a Universidade?

LFH: Todas as universidades têm uma coisa em comum. À medida em que se vão desenvolvendo, elas precisam de mais recursos, especialmente na componente de investimento, mas que o Orçamento Público não pode satisfazer cabalmente essa necessidade. Primeiro porque a natureza da universidade é sempre inovar. A inovação constante não pode caber numa orçamentação normal. Daí que a tendência das universidades é desenvolver actividades, quer por via de participação em projectos competitivos, quer por via de prestação de serviços para cobrir esta necessidade específica do seu carácter inovativo. Muitas vezes ficamos amarrados a parcerias e projectos que não são criados para as prioridades institucionais, e são muito erráticas. Mas se a universidade investe em ter um corpo de investigadores de referência numa área, um grupo de docentes que dá para exportar, como professores visitantes especialistas, e cria uma boa capacidade de investigação, não haverá projectos em que a faculdade ou universidade se propõe concorrer e saia sem referência ou sem apuramento. Se não for por si só, será por via das suas parcerias porque ela é preferida, tem enquadramento num ramo do conhecimento e quem trabalha naquela área, para se sair bem, procura relacionar-se com esta universidade. Por outro lado, é com a investigação que se forma um bom docente. E o trabalho de investigação deve, de facto, alimentar uma boa docência inovadora e entusiasta. Mas também é com a capacidade de investigação que intervimos no desenvolvimento das comunidades, no aumento da produtividade ou indústria, tornando-nos parceiros das empresas. De facto, com as nossas metodologias, equipamentos, novas abordagens, parceiro não

Créditos: Faizal Raimo



Magnífica Reitora assina livro de visitas no CECROI



Créditos: Faizal Raimo

Prof.^a. Doutora. Eng.^a. Leda Florinda Hugo, acompanhada pela direcção da FCSH

tem preço; e com a nossa capacidade intelectual de fazer investigação, não precisamos tanto do Orçamento do Estado para investimentos, como agora, precisamos do Orçamento do Estado para o funcionamento, mas o investimento nós, é que determinamos.

OM: As aulas presenciais encerraram em Março passado na UniLúrio. Somente o Polo de Pemba conseguiu retomar às aulas presenciais. Para quando está prevista a retoma de aulas no resto das faculdades da UniLúrio?

LFH: No resto das faculdades, houve todo trabalho para a criação das condições, houve vistorias e o relatório a indicar que tínhamos permissão para reabrir às aulas, mas ainda não temos o documento formal. As equipas apropriadas quer de nível provincial, quer de nível central, fizeram o seu trabalho de inspecção e validaram a conformidade das nossas instituições. As faculdades de Ciências Naturais e Engenharias do Pólo de Pemba foram autorizadas logo no primeiro ciclo de instituições anunciadas como cumpridoras. As restantes faculdades como a de Ciências de Saúde no campus de Marrere, a UniLúrio Business School na cidade de Nampula, Ciências Sociais e Humanas na Ilha de Moçambique e a Faculdade de Ciências Agrárias de Unango no Niassa, estão preparadas e vão ser anunciadas no segundo ciclo de instituições que foram submetidas a avaliação. Em termos de trabalho, já está feita a nossa parte, mas o que nos falta agora é o documento ou o mecanismo de anúncio que foi feito com o primeiro lote das instituições. Tal como as outras instituições que entraram no outro lote, nós estamos à espera. Mas a nossa previsão era que

retomássemos as aulas em meados de Outubro. Mas estão todas preparadas para as aulas a começarem a qualquer momento que o anúncio é feito, esperamos que termine em meados de Maio, cientes que para o ano lectivo 2020, temos que nos organizamos com os devidos ajustes do calendário académico e de conteúdos de ensino para cobrir todos os aspectos estruturantes e fundamentais das disciplinas. Temos a certeza de acertar o calendário académico em 2022 e que em dois anos, a UniLúrio não vai perder nenhum ano lectivo, vai se ajustar.

OM: Tendo em atenção todos estes desafios, gostaria de terminar pedindo que a Professora deixe ficar uma mensagem à comunidade universitária.

LFH: Neste momento temos um grande desafio que não podemos preterir por forma alguma. É uma questão de saúde pública e questão de salvaguarda das nossas vidas e a vida daqueles que amamos, os nossos próximos. Na nossa comunidade académica temos os mais novos, os estudantes, os profissionais em cada uma das nossas carreiras, temos a nossa família em casa. Todas as medidas de prevenção da Covid-19 estão prescritas e devem ser da responsabilidade de todos. A saúde em primeiro lugar!

Em segundo aspecto, temos uma instituição que amamos e queremos desenvolver. Ela depende só de nós, da nossa visão e da maneira como definimos as nossas estratégias de implementação para alcançar a visão que nós temos. É necessário o trabalho de equipa e a nossa entrega. É preciso diversificar a nossa capacidade de intervenção nas áreas científicas, organizar e acarinhar bastante o processo

de formação e de retenção dos nossos quadros (docentes, investigadores e Corpo Técnico Administrativo). Oxalá, possamos ter planos de formação que vamos cumprir nas melhores instituições do ramo.

Formar um docente é um longo e grande investimento, e não deve ser um investimento de faz de contas. Nossa responsabilidade é formar docentes no melhor que há do mundo e desenvolver a instituição, com interesses maiores

Para estabilizar o funcionamento

PLANO ESTRATÉGICO PASSA A SER DE DEZ ANOS NA UNILÚRIO

Volvidos 13 anos desde a sua entrada em funcionamento, a Universidade Lúrio (Unilúrio), a partir das diferentes unidades orgânicas, deve criar estratégias de estabilização da instituição, através duma planificação estratégica de médio-longo prazo.

A nova Reitora da Unilúrio em Nampula, Leda Florinda Hugo diz que o próximo Plano Estratégico deverá estabelecer estabilidade institucional, na normação e regulamentação, através da planificação estratégica de médio-longo prazo e na aposta da normação dos seus actos e procedimentos. Para o efeito, reajustamos a visão da universidade e a duração do Plano Estratégico que passa de cinco para dez anos.

“O Plano Estratégico da Universidade deve transcender o mandato de um reitor que é de cinco anos. Não deve ser um plano de um reitor, mas sim de uma instituição” disse e continuou. “Temos que sonhar a instituição que queremos ter; e a única coisa que pode nos limitar, só poderá ser a nossa imaginação”.

A nossa interlocutora considera que a Unilúrio se encontra agora num terceiro estágio de crescimento, em que precisa continuar a desenvolver e consolidar ou mesmo descontinuar e ajustar algumas acções iniciadas nos primeiros dois planos estratégicos (2008-2012 e 2016-2020). Na óptica da Reitora, da primeira instituição de Ensino Superior Pública com a sua Sede na Cidade de Nampula, o mais importante neste momento é garantir o fun-

cionamento normal, recorrendo aos instrumentos normativos e regulamentares que foram elaborados e aprovados nos dois períodos anteriores de implementação da universidade.

“O primeiro estágio da universidade foi marcado pela implantação infra-estruturas básicas e nesse período os desafios eram vários. O segundo estágio, que coincide com o segundo plano estratégico 2016-2020, caracterizou-se pela criação de novas unidades orgânicas e novos cursos, entre outros”, disse a dirigente, pedindo o envolvimento de toda a comunidade académica da universidade no processo de elaboração do Plano Estratégico 20/31 num horizonte temporal de dez anos.

Capacitar-se para a investigação, mediante formação e capacitação de docentes e investigadores, onde a investigação alimenta a docência e a extensão; valorizar parceiros mas garantindo ganhos para ambos os lados; valorizar a soberania nacional e a autonomia da Universidade,

por nós definidos. Empenhando-nos no trabalho de equipa, na disciplina e no cumprimento das metas e responsabilidades. Temos que fazer de tudo, ao nosso alcance para que as novas gerações tenham a melhor formação e preparação para a vida, do que nós tivemos. Investimento constante, trabalho árduo, saúde, empenho e focalização nos interesses da instituição.

são alguns dos desafios apontados pela nova timoneira da Unilúrio no encontro com os funcionários da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas na Ilha de Moçambique.

Leda Hugo aponta outros desafios que de agora em diante passam a fazer parte do leque de desafios das universidades, como a forma de articulação com a governação descentralizada. “Temos que iniciar os modelos de articulação entre a universidade e a Secretaria do Estado, com quem, de certa maneira, nos coordenamos”

A Reitora disse que, para atingir os seus resultados na Universidade, sonha igualmente, em ter uma grande equipa de trabalho, por isso, endereçou convites para que todos se envolvam e se sintam parte desses desafios.



Créditos: Faizal Raimo

Magnífica Reitora acompanhada pelo director da FCSH no encontro com funcionários

FESTAS FELIZES AOS NOSSOS ANIVERSARIANTES

Joana Junior

Nesta edição, a rubrica apresenta quatro colaboradores da FCSH que completam mais um ano de vida no presente mês. Trata-se de dois membros do corpo directivo da FCSH, Jóssimo José Calavete, Director Ajunto Pedagógico e Ivo Mussagi de Almeida Mussilane, Director Adjunto Administrativo; um docente, Celestino Taperero Fernando e Eva Benze Elisa Mussane, colaboradora da nossa secretaria-geral.

“A AMBIENTAÇÃO ESTÁ A SER MUITO BOA”



Créditos: Faizal Raimo

Eva Benze Elisa Mussane, 35 anos de idade, nasceu na Cidade de Maputo aos 18 de Novembro de 1985. A aniversariante é nova na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, onde trabalha na Secretaria-Geral a pouco mais de dois meses, porém, é funcionária pública a mais de seis

anos. Eva Mussane que antes da FCSH trabalhava para a Universidade Pedagógica de Maputo, disse que está numa fase de ambientação. Entretanto, diz que o processo está sendo bom. “A minha ambientação está a ser muito boa, estou a colher boas experiências, fora de casa, de família e de velhos amigos”, disse explicando que o trabalho na FCSH está permitir ter uma outra realidade e de fazer novas amizades”.

Apesar de ser uma nova funcionária na instituição, a nossa entrevistada encoraja não só aos funcionários da Universidade Lúrio, como também ao público em geral a apostar na FCSH, pois, ela é uma faculdade nova e constituída por docentes e um Corpo Técnico Administrativo jovens com excelentes experiências, o que de certa maneira faz com que haja um ambiente de trabalho salutar. Ela, acredita que a Faculdade de Ciências Sociais Humanas está a fazer diferença e a percorrer um caminho certo.

“ME ORGULHO POR TUDO QUE FAÇO PARA O CRESCIMENTO DA FCSH”

Ivo Mussagi de Almeida Mussilane, 31 anos de idade, nasceu aos 27 de Novembro de 1989, na cidade e Província de Nampula. Ingressou na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas em 2017, a quando da sua abertura, actualmente ocupa a função de Director Adjunto Financeiro para além de leccionar a cadeira de Contabilidade no curso de Hotelaria e Turismo.

“O que mais me marcou neste período todo de trabalho foi a facto de eu ter sido o primeiro CTA, desempenhando todas as actividades em simultâneo”, disse apontando trabalhos vinculados às áreas de Contabilidade, Secretaria-geral, Património, Unidade Gestora Executora das Aquisições (UGEA), Registo Académico e nalgumas vezes, teve que substituir o Director da Faculdade quando este se encontrava ausente, em missão de serviço.

A fonte disse numa entrevista recente ao OMacuthi que guarda boas lembranças daquele período, entre os quais a primeira vez que “dirigi o Conselho de Direcção da Faculdade, enquanto Director Substituto, a recepção do Embaixador da Tailândia, do Director Provincial da Ciência Tecnologia, Ensino Superior e Técnico Profissional, a abertura de um evento da Banda Xiquitise, para além da recepção da actual Ministra da Cultura e Turismo, Edelvina Materula, na altura Directora da Banda Xiquitise”.



Créditos: Faizal Raimo

A fonte diz que foi um período muito difícil, mas “quando reparo hoje, tenho muito orgulho. Me orgulho por tudo que faço para o crescimento da FCSH”

A fonte avalia o ambiente de trabalho na FCSH muito bom na medida em que a faculdade é jovem e feita por jovens com diferentes conhecimentos e ambições. “Como profissional apelo para que pautam sempre pela honestidade, imparcialidade pelo trio profissional para além do engajamento no que fazemos. Sempre que nos derem uma tarefa para desenvolver, temos que dar o nosso máximo”, apela o DAF aos demais colaboradores

“FAZER PARTE DO PRIMEIRO CORPO DOCENTE DA FCSH É GRATIFICANTE”



Créditos: Faizal Raimo

Jóssimo José Calavete, 41 anos de idade, nasceu aos 18 de Novembro de 1979 na cidade e província de Nampula. Ingressou à FCSH em 2017, fazendo assim parte do primeiro corpo docente.

Actualmente Jóssimo Calavete é Director Adjunto Pedagógico e docente das disciplinas de Laboratórios de estudos de sociedade 1 e 2 e desenvolvimento comunitário. “Como geração que fez parte do primeiro corpo docente da faculdade, tivemos muitas realizações que nos orgulham bastante. A mim particularmente a realização que me ocorre é na primeira semana de 2017, quando recebemos os estudantes e iniciamos com o processo de ensino e

aprendizagem, criamos a famosa semana de indução. Nessa primeira semana de aulas a faculdade não tinha equipamentos e tivemos que colocar os estudantes em contacto com a Ilha”, contou Jóssimo Calavete, para quem está inovação de criar a semana de indução que mais tarde viria a ser instituída ao nível de toda universidade como uma prática para simbolizar a recepção de novos estudantes que entram para as demais faculdade é um orgulho.

“Nós os docentes também apoiávamos todo o processo técnico administrativo, uma vez que tínhamos apenas um único CTA”, disse acrescentando como parte das acções mais relevantes e marcantes o facto de ter participado do processo que culminou com a concepção dos fóruns de turismo e de Relações Internacionais que hoje são uma marca exclusiva da FCSH.

O director Pedagógico da FCSH diz que o ambiente de trabalho na instituição é desafiador, mas positivo e estimulante. O aniversariante apela: “ao ingressar numa instituição é importante que as pessoas estejam conscientes dos desafios e devem ver esses desafios numa forma positiva como algo que vem para nos fazer crescer. Sendo uma instituição pública é importante o aprofundamento de conhecimento e de princípios de funcionamento isso fará com que o nosso conhecimento seja cada vez mais eficiente”.

“FOI ME DESAFIANTE EM TER MAIS DE 3 DISCIPLINAS NO MESMO SEMESTRE”

Celestino Taperero Fernando 33 anos de Idade, nasceu aos 10 de Novembro de 1987 na cidade de Chimoio, Província de Manica. Ingressou ao corpo docente da FCSH em 2018. Actualmente encontra-se a continuar os estudos no Brasil.

A fonte diz que a FCSH por ser uma instituição nova, foi muito bom ver uma instituição composta por uma equipe funcional de jovens, muito dos quais a iniciar as suas carreiras com muita energia, “e foi me desafiante em ter mais de 3 disciplinas no mesmo semestre, algo que me levou a grandes articulações didácticas e acredito que foi muito desafiante e fez-me crescer academicamente”.

O Aniversariante diz que “o ambiente do trabalho na FCSH é excelente, mas com falta de muitos materiais para execução de trabalho de excelência”. Para ele, a Faculdade deve dar prioridade e incentivar a formação do seu pessoal docente para os graus de mestre e doutor e incentivar a investigação científica. “Deve também priorizar a construção de infraestruturas melhoradas e adequando para leccionar e investigar. Nesse sentido, deve-se condicionar a sala dos professores equipando com material que facilita acesso aos materiais digitais, refiro-me a computadores ligados a internet”.



Créditos: Celestino Taperero Fernando

DOCENTE DA FCSH GANHA PRÉMIO NAS 12 JORNADAS CIENTÍFICAS E TECNOLÓGICAS DO FNI



Créditos: Angelina Alberto

Angelina Dade Amade Barros Alberto

A docente da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) ganhou um prémio de Trinta Mil Meticais, mercê da sua participação nas 12ª Jornadas Científicas e Tecnológicas do Fundo Nacional de Investigação (FNI), que este ano decorreu no ciclo misto, com apresentações presenciais e online.

Angelina Dade Amade Barros Alberto participou no evento de forma virtual e apresentou o tema, “Vamos comer Pethé” Venda e Consumo de Comida Confeccionada desprotegida em Tempos de Covid 19 no Mercado do Juma em Nacala.

No artigo, a docente analisa os factores que influenciam na venda e consumo de comida confeccionada e não muito bem conservada nos tempos de covid-19 no mercado de Juma na Cidade de Nacala-Porto.

Para este trabalho, a docente recorreu à pesquisa explicativa, entrevistando dez vendedeiras, dez consumidores, um representante do Conselho Autárquico, tendo chegado à conclusão de que alguns factores sociantropológicos, socioeconómicos e a mentalidade *Nampethené* influenciam no processo. Nesta pesquisa, a estudiosa diz que para colmatar a situação é importante que ao nível do Governo do Distrito e do Conselho Autárquico da Cidade de Nacala-Porto, haja um trabalho conjunto e árduo com vista a sensibilização, fiscalização e monitoria, nos locais de confecção e venda de comida confeccionada, auxiliada à oferta de materiais higiénicos e de prevenção da

covid-19. Ela chega a esta conclusão, porque segundo o estudo, diferentemente do mercado Central da Cidade Alta em Nacala-Porto, o mercado do Juma não tem baldes de água e muito menos sabão para a lavagem das mãos, com excepção de algumas lojas, padarias e farmácias localizadas ao redor, que possuem baldes com água e sabão e desinfetantes.

A pesquisadora sugere que o pessoal da saúde, antropólogos e sociólogos, que trabalham para o Conselho Autárquico de Nacala-Porto e todos intervenientes, têm a missão de reflectir, e sensibilizar intensivamente as vendedeiras e utentes sobre a mentalidade *nampethené*, desmistificar a ideia de que o facto de ser *pethé*, deve ser mal confeccionada, mal conservada, mal manuseada, que as pessoas devem partilhar pratos e usar utensílios mal lavados ou desinfetados, que as pessoas não têm direito de reclamar sobre as condições que encontram nos locais de confecção e venda de comida, que devem se dirigir aos locais sem máscaras, e não devem obedecer o distanciamento social porque nunca serão infectados pelo covid-19, e o covid-19 não mata.

Segundo defende a autora, deve haver uma mudança de mentalidade por parte dos actores envolvidos, numa nova forma de ser, estar, agir e pensar, com vista ao bem-estar de todos e principalmente a saúde pública nestes tempos de covid-19, lembrando que a falta de cuidados higiénicos nos locais pode provocar a transmissão da febre tifóide, uma doença que tem afectado a população de Nacala-Porto.

A pesquisadora reitera que o Conselho Autárquico e os Serviços Distritais da Saúde, Mulher e Acção Social devem desenhar planos de acção, com vista a consciencialização das pessoas a recuarem na compra e venda de comida não bem conservada no mercado de Juma, e cumprirem com as regras de prevenção da covid-19 no processo de interacção entre eles, caso não, o mercado de Juma futuramente pode constituir um foco de propagação da covid-19 na cidade de Nacala. Aliás, ela diz que as entidades responsáveis pela saúde, bem-estar, não têm feito frequentemente campanhas de sensibilização, contam-se aos “dedos” as vezes que o pessoal da Saúde e Conselho Autárquico se deslocaram no Wajuma para os devidos efeitos.

Recorde-se que as 12ª Jornadas Científicas e Tecnológicas do FNI decorreram entre os dias 28 a 30 de Outubro em Maputo.

Angelina Dade Amade Barros Alberto tem uma Licenciatura em Sociologia com habilitações em Antropologia pela Universidade Pedagógica de Nampula, é actualmente mestranda em Gestão de Projectos de Desenvolvimento na Universidade Católica de Moçambique.



Créditos: Angelina Alberto

Venda de comida confeccionada no mercado Juma